

A SEMANA

CORTE

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 300 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	J. DO EGYPTO.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
D. Fernando.....	LORGNON.
Um suicida de 19 annos..	O. BILAC.
Aos caloteiros.....	L.
A vida elegante.....	L. DE MENDONÇA.
Nocturno, soneto.....	J. BRISSON.
Os nossos livros.....	A. DE SOUZA.
Correio litterario.....	L. M. BASTOS.
As grandes verdades.....	P. THALMA.
Intima; poesia.....	H. DE MAGALHÃES.
Sport.....	J. P.
Theatros.....	FR. ANTONIO.
Parnazo alegre; Meta-	
morphoses, sonetos.....	
Collaboração; A nossa	
mãe.....	
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	
Consulta.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Aos Srs. assignantes em atrazo que até o fim d'este mez não satisfizerem a importancia de suas assignaturas será irremissivamente suspensa a remessa da folha.

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A Semana por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A Semana por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 38000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Camillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MUSICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPUS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Carlos.

N. B.— Os senhores que assignaram A Semana por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettemos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agencia assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 19 de Dezembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Curta, muito curta é a historia dos sete ultimos dias; tão curta que estivessemos quasi, quasi a não escrevel-a.

Mas não rejubilem os leitores: hão de aturar-me.

E' verdade — e isto allego em meu favor — que peor seria terem de aturar o Filindal.

Felizmente este sujeito anda ultimamente arredio de cousas litterarias, não sabemos ao certo por qual razão, e em aproveitamos a sua benedicta obtusidade para evitar que a deleteria prosa d'esse nefasto plumitivo venha collaborar com o cavaignac, o suicidio, o Pachidérme, os capoeiras e as loterias para o completo aniquilamento d'esta infeliz capital, bem digna de meliores epidemias.

O maior acontecimento da semana foi a morte do rei D. Fernando, esse principe de talento, que, nestes tempos de democracia e de reformas, conseguiu fazer-se amado nos dois paizes que falam a lingua de Camões pelos que amam as artes e odeiam os principes.

Isso faz todo o seu elogio. Em artigo especial nos occupamos com essa perda deploravel para a arte e para a monarchia portugueza.

O integro promotor publico Dr. Sampaio Ferraz mostrou mais uma vez que sabe cumprir rectilineamente o seu

dever, apresentando denuncia ao juiz do 7º districto criminal contra os capoeiras Dario e Paredes, como auctores, e contra outros como cúmplices do assassinato do menor Manoel Moreira Pinto, barbaramente morto a navalhada na noite de 20 de Agosto passado.

Parece que, por mais proteção que tenham na policia os denunciados, será feita a luz nesse tristissimo caso, recebendo os culpados a respectiva e necessaria *cusinadella*.

No genero escanlalo o que houve de melhor foi o conflicto entre o Dr. Carlos de Carvalho e o Sr. Francisco Marcondes Machado. Conflicto serio — a bengala e estoppe. Pancadaria para cá, espetacelllas para lá. As versões sobre o facto diversificam muito.

Uns affirmam que foi o Dr. Carvalho quem provocou o Sr. Marcondes — e esta foi a publicada pela maioria dos jornaes; outras asseveram exactamente o contrario. O abaixo assignado, não tendo tido o desprazer de assistir a esse lamentavel incidente, não pôde de seguro decidir entre estas e aquellas. Limita-se a lamentar o facto, momentaneamente porque, segundo declaração do proprio interessado, retirou o Dr. Carvalho a sua candidatura á assemblea geral. S. S. tem talento e é trabalhador; com a sua cooperação muito poderiam ganhar os publicos negocios — como se costuma dizer em artigos com pretensões a *fundo*.

O certo é que o Sr. Marcondes está processando o Dr. Carvalho, porque este, em plena rua do Ouvidor, quiz reduzir-o a roast-beef, assando-o de espeto ao sol, a este inclemente sol de Dezembro, a que devem ser unicamente attribuidos aquelle e outros que taes *assados*; e o Dr. Carvalho está processando o Sr. Marcondes por este haver-o reduzido a tapete, sacudindo-lhe a poeira á bengala, á vista de Deus e de todo o mundo, com excepção da policia, está sabido.

Para bem dos interessados (livre-nos Deus de taes *interesses*, e da publica moralidade, esperamos que não tardará o formidoloso escanlalo a ser abafado pela conhecida e piedosa Sra. D. Pedra-em-cima.

Continuam os suicidios.

O suicidio é a febre amarella d'este verão. E' força confessar que não é peor — nem melhor — do que a outra.

Ah! se o Sr. Dr. Freire descobrisse tambem o microbio d'esta nova febre amarella!

Pense nisso o illustrado Atila dos *criptococcus*: olhe que com a vacina contra o suicidio immenso serviço prestaria — aos *cadaveres*!

JOZÉ DO EGYPTO.

D. FERNANDO

O telegrapho transmittio-nos no dia 15 a noticia de que fallecera em Lisboa, no palacio das Necessidades, S. M. El-Rei D. Fernando, pae do actual Rei D. Luiz I, de Portugal e cunhado de S. M. o Imperador D. Pedro II, do Brazil.

D. Fernando, principe al'emão da finissima nobreza dos Coburgo e Gotha, nasceu a 29 de Outubro de 1816 e casou a 9 de Janeiro de 1836 com D. Maria II, irman de S. M. o Imperador, rainha de Portugal. Pelo fallecimento da rainha, tomou o logar de regente em 15 de Novembro de 1853, e occupou-o até a elevação de seu filho D. Pedro V, de venerada memoria.

Cavalheiro de fina educação e de apuradissimo gosto, elle trouxe para a córte banal e chata da dynastia bragançina a grande e poderosa vitalidade do seu espirito. Muito mais artista do que politico, elle conservou sempre uma nobre isempção no que se referia aos negocios do Estado e á baixa intriga da cortezania depauperada das antecamaras reais.

Homem elegante, homem de espirito, elle preferio ser cidadão querido a ser soberano respeitado. Assim, conseguiu ser democrata devêras, sem esforço e sem affectação, naturalmente, por indole, e por uma nitida comprehensão do viver moderno, que já se não compadece com o apparato principesco e picaresco das usanças tradicionaes da velha nobreza. Passeiava pelas ruas e pelos jardins publicos em boa camaradagem com os escriptores e com os artistas de talento. Colleccionador de raridades e de obras de arte, contam-se maravilhas do seu castello da Penha, em Cintra. O povo adorava-o porque ao pé d'elle estava sempre á vontade, como deante de um irmão que apenas se respeita pelas virtudes e pela superioridade de espirito. As artes portuguezas devem-lhe muitissimo, não só pela protecção que sempre dispensou aos artistas, como pelos proprios productos da sua intelligencia e da sua habilidade, pois que D. Fernando era um gravador distinctissimo, como se pode ver ainda nas collecções do antigo *Archivo Pittoresco* e d'*A Arte*, onde collaborou por muito tempo ao lado dos melhores gravadores modernos. As suas gravuras, de traço muito fino mas seguro, têm um grande cunho de originalidade e valeam-lhe o titulo popular de rei-artista. titulo muito mais honroso do que os da maior parte dos reis portuguezes, que se condecoravam com titulos e cognomes muitas vezes extravagantes.

Um dos factos que mais evidentemente provam a independencia do seu espirito e o despreendimento das etiquetas e das conveniencias regias é o seu casa-

mento (Julho de 1839) com a celebre cantora Elisa Hensler, depois Condessa d'ella.

Este facto, que foi quasi um escandalo europeu, é, a nosso ver, um dos que mais affirmam a altivez de caracter de D. Fernando e que mais o approximam do cidadão e do homem moderno. Mas, além d'esse, ha ainda outro facto que attesta os mesmos principios—é o da recusa que fez da corôa de Hespanha quando solicitado para a collocar na cabeça.

Ha muito tempo que o desespero de um cancro na bocca diminuiu a natural jovialidade e a perpetua alegria do rei.

Agora, que elle succumbio a essa molestia, choram-n'o sinceramente os muitos amigos verdadeiros e leaes que tinha, o que não acontece a todos os homens collocados na sua alta posição, que, fóra do circulo da familia, apenas podem esperar a lagryma fingida dos bajuladores e dos hypocritas.

A numerosa colonia portugueza do Brazil apresentamos cordialmente os nossos sinceros pezames.

Um suicida de treze annos

RESPOSTA A ARTHUR AZEVEDO

Ao artigo com que no ultimo numero d'esta folha commentei o suicidio de José Castilho, o caixa-rincho de uma casa da rua Sete de Setembro, contradictando algumas phrases de Eloy, o heroe de *palanque*, do *Diario de Noticias*, replicou elle, o Eloy, por essa folha no dia 15 do corrente.

Como é sabido e elle proprio tem confessado, o escriptor que mal se disfarça com a meia mascara d'aquelle pseudonymo é Arthur Azevedo.

Portanto, como elle não faz questão do incognito e me repugna a mim discutir com um adversario de pseudonymo, dirigir-me-ei directamente a Arthur Azevedo.

Em todo o meu artigo não se encontrava cousa nenhuma que pudesse melindrar o festejado chronista. Referi-me a elle nestes termos: « escriptor de nota, espirito independente e culto. »

Apenas disse, — porque era preciso dizel-o, pois que tinha de combater-lhe os conceitos, — apenas disse que a philosophia que dictou ao engraçado escriptor as impugnadas phrases era «tão cruel quanto banal. »

Não podia elle, contudo, vér nisso offensa, e se eu tal suspeitasse não o teria dicto.

Não ha escriptor—genial embora — que não tenha os seus momentos de banalidade.

No emtanto, eis aqui, textualmente, as phrases com que começou a me responder Arthur Azevedo:

« Ora, com franqueza, nesta questão é natural que o men objectivo seja mais exacto que o de Valentim Magalhães... »

« Eu me explico: O illustre moço foi creado com todo o mimo, e ainda hoje— francamente—é o typo melindroso do menino brasileiro; esteve de pensionista num collegio onde nada lhe faltava; frequentou durante cinco annos a academia de S. Paulo, com larga e prompta mezada, e alli conquistou esse pergaminho que é o «*Sézamo, abre-te*» de todas as posições sociaes na nossa terra; logo depois de formado, esposou por

inclinação a priminha de quem era «noivo» desde pequerrucho. Nunca lhe faltaram cuidados de familia. Jámais conheceu a *quebradeira*, na acepção fun lamental e genuina d'este vocabulo medonho. »

Devo confessar que a leitura d'essas palavras mais espantou-me que ferio-me.

Eu não tenho a honra e a felicidade de contar Arthur Azevedo no numero limitadissimo, aliás, dos meus *amigos intimos*; nunca lhe fiz confidencia nenhuma da minha vida privada.

As nossas relações não passaram nunca além de franca e amistosa camaradagem litteraria, com os pequenos obsequios mutuos e as mutuas amabilidades de collegas ligados pela estima proveniente da affinidade geral das idéas e da convivencia no trabalho.

Em taes condições, não lhe havendo eu feito a confidencia intima da minha vida particular, procedeu levianamente fazendo publicas cousas que só a mim interessam, cousas de caracter delicado e grave, porque entendem com o *homem*—não mais com o *escriptor*—e que elle foi beber a uma fonte que ignoro, mas que sensatamente não poderia julgar—a melhor.

O resultado de tão estranhavel levianidade foi faltar á verdade em tudo quanto disse, offendendo com esses escusados carapêões um companheiro e camarada que sempre buscou ser-lhe agradável e util.

Qualquer dos meus poucos amigos intimos sabe muito bem «se fui criado com todo o mimo»; se «nada me faltou» no collegio em que estive; se tive nos tempos de academia «larga e prompta mesada»; se tem sido o pergaminho adquirido em S. Paulo o «*Sézamo, abre-te*» das mo lesta posições sociaes» que tenho occupado; se jamais conheci a *quebradeira*; e finalmente, qualquer dos meus amigos intimos, dos meus verdadeiros amigos, tendo de se referir em publico á minha esposa, não o faria da maneira futil e indelicada, embora não offensiva, pela qual o fez o meu espirituoso collega.

Para aquelles que, como Arthur Azevedo, não me conhecem particularmente, basta que me considerem um homem honesto e um escriptor que não deshonra o seu paiz e os seus collegas.

Agora inquirirá naturalmente o leitor:

—Mas que necessidade tinha o Arthur de trazer para a rua a vida privada de seu contradictor? Em que interessava isso á questão?

A resposta é facil de obter-se. Basta ler o que elle escreveu em seguida áquillo. Aqui vae, sem alteração de umavirgula:

«Agora eu: aos 13 annos, em 1868, justamente na idade em que o menino Castilho se enforcou, tiraram-me dos estudos, e «arrumaram-me» n'uma casa de commercio, d'onde só sahia para ver minha mãe (e estava a duzentos passos) d'ella) de quinze em quinze dias,—e onde o meu emprego consistia em varrer duas e tres vezes por dia o armazem e o escriptorio, e de manhan muito cedo dar á bomba n'um poço e encher uma tina d'agua para a mulata do meu patrão tomar banho.

Ordenado nenhum; davam-me casa e comida; naturalmente não achavam pouco...

Não tenho a ridicula pretensão de fazer aqui a minha auto-biographia. Basta confessar que, depois de numerosas peripecias, cheguei ao Rio de Janeiro aos desenhove annos, com um numero igual de illusões e de cartas de recommendação, mas sem vintem no bolso. As illusões, guardei-as, — por signal que ainda conservo algumas.

Quanto ás cartas de recommeação, so me servi de quatro, e rasguei as outras quando um senador da minha terra, depois de ler a quarta, em que lhediziam que eu era rapaz intelligente e com muita disposição para as letras, offereceu-se para arranjar-me um logar de conductor de bond, e ain la era preciso que eu pedisse emprestados a um usurario os 200\$ precisos para a respectiva fiança. Agradei e recusei a protecção do grande homem, «apezar de que (accrescentei), num logar de conductor de bond, como em qualquer outra posição que estivesse reservada aos meus acanhados meritos, eu teria o prazer de ver sempre S. Ex. adiante de mim...» O que equivaliu a chamar-lhe burro.

«Durante muito tempo fui mestre de meninos, adjuncto a certo collegio, e os meus unicos recursos eram 40\$000 com que o dono do estabelecimento remunerava (por não poder fazel-o melhor) as seis horas de serviço diario que eu lhe prestava. Com esse diuheiro eu, que não era nenhum Bocage, tinha que pagar casa, comida, roupa, calçado e tabaco.

«E o caso é que os 40\$000 réis e eu entenliamo-nos perfeitamente, se bem que nos separassemos sempre no primeiro do mez, para não nos tornarmos a ver sonã) d'alii a trinta dias. Mas o meu bom humor, esse é que, graças a Deus, nunca se separou de mim.

Portanto, não é muito que um sujeito que soube resistir e ainda hoje resiste heroicamente, (sic) a tantas difficuldades, ponha de parte o sentimento, todo individual, da piedade, quando se trata de commentar publicamente um facto cujo exemplo lhe parece pernicioso.»

Para que essas 68 linhas de elogio proprio pulessem produzir todo o almejo effecto, era preciso antes apresentar-me como um d'esses frivolos «meninos bonitos» que tudo alcançam pelos bellos olhos que Deus lhes deu e pela protecção da familia e dos padrinhos.

Para que brillasse o heroe era preciso mergulhar na sombra, cobrir de ridiculo o *filhote*, o *bacharelzinho* sem merecimento proprio...

Veja, no entanto, o admiravel heroe como eu sou generoso: podia ha pouco ter aproveitado o ensejo para, defendendo-me, mostrar ao seculo ancioso que sou tambem merecedor da sua admiração e de uma estatua em vida. Longe, porém, de fazel-o, deixei na tela todas as sombras com que me pintou o heroe para, transcrevendo a sua auto-biographia, reforçar a radiação estellina com que modestamente se encarpou.

Para compensar o heroismo «de haver em pequeno» enchido d'agua muitas vezes a tina em que se lavava a mulata do meu patrão», nem ao menos confessei que para tomar café depois do jantar tive muitas vezes de levar ao cebo os meus compendios, arrostando tempestades de decompostura para arranjar outros com o meu tutor.

Ah! decididamente eu nunca hei de ter uma estatua; não sei ganhala.

Não tenho polpa de heroe.
Benedictos os céus, que ao menos me fizeram—bacharel!

Quanto ao pouco com que o festejalo escriptor procurou rebater os meus conceitos com pouco responderei.

Eu não préguei, nem prégaréi o suicidio.

Foi meu fim, ao contrario, evital-o, descartando a posição desgraçada d'aquelle infeliz e invocando a piedade e a protecção de todos para esses desgraçadinhos que não tem lo pae nem mãe, nem protector, nem amigo, podem não ter tambem a força necessaria para con-

tinuar «a ser creanças e procurem na morte uma felicidade que lhes parece inacessivel.

Escrevi aquelle artigo com toda a minha alma, com todo o meu coração.

Orphão de mãe, desde muito criança, criado longe de meu pae, embora por parentes que desveladamente procuravam substituil-os, eu (perdoe-se-me esta revelação) pude mais tarde conhecer de perto, de muito perto, não já em mim, mas em pessoa que me é carissima, o que é ser orphão.

Depois, na minha não longa pratica de advogado, vi augmentarem-se-me a compaixão e a estima por esses desgraçados, verificando a maneira porque são protegidos pelo Direito e pela Justiça do nosso paiz.

Tudo isso, e mais as circumstancias compungentissimas d'aquelle suicidio concorreu para que o meu artigo fosse antes um grito de desespero, um gemido de compaixão do que um artigo de polémica, um estudo sereno e raciocinado da melindrosa questão.

Foi isso o que não quiz ou não soube ver o meu injusto collega do *Diario*.

De resto, a questão do suicidio é complexissima, sobre modo grave e delicada para discutil-a sem o espaço e o tempo que agora me faltam.

Concluindo, direi somente que se é covardia tirar-se um homem a propria vida, quando a lucta recrudescce e assanham se as difficuldades e enfurece-se a desgraça a perseguil-o, covardia é tambem o conservar a vida sem honra propria nem provcito alheio.

VALENTIM MAGALHÃES

Lê-se no *Pharol*, de 15 do corrente:

«—A *Semana*, n. 50. Em um artigo de sensação sobre o suicidio do menino Castilho, Valentim Magalhães, parecendo ir contra o que disse *Eloy*, o heroe, o elegante chronista, sobre o facto, não faz mais do que contribuir generosamente para a grandiosa obra que *Eloy* como outros jornalistas inicia: derrocar o pedestal romantico e sympathico d'onde se impõe o sudio a certas mentalidades doentias.

Eloy verberou Castilho, que o não ouve, afim de tornal-o antipathico e indigno de imitação; Valentim, imaginoso e sentimental, move os espiritos fortes, os homens feitos, a velarem atentos em que não venham a causar indirectamente a reproducção do desesperado acto criminoso.

Interessante como é o assumpto, merecem especial attenção os dous distinctos escriptores.»

Capeando uma cédula de 10\$, recebeu o director d'esta folha a carta que em seguida publicamos, com ommissão apenas dos primeiros periodos, cujas benevolas amabilidades o destinatario muito agradece.

A *Semana* aventou a idéa de soccorrer os irmãos de José Castilho, proporcionando-lhe meios honestos e sufficientes de manutenção pelo trabalho; mas reconhecendo a sua propria fraqueza, pediu aos seus collegas diarios mais importantes que tomassem a si a caridosa tarefa. Até agora nenhum d'elles o fez. Resta-nos a doce consolação de havermos suggerido o caridoso pensamento, que, como se vai ver, se não achou echo em os nossos collegas, achou-o no coração de um desconhecido, ao qual sentimos não poder apertar a mão.

Agra lécen lo-lhe muito o seu generoso concurso e satisfazen lo a sua vontade, abrimos uma subscripção em favor dos orphãos, irmãos do desgraçado

menino que procurou na morte o repouso e a felicidade. Não temos grande esperança, Sr. G. P. S. D. no resultado dos nossos esforços. Restar-nos-á a satisfação de havermos procedido bem.

Eis a carta:

«Ao Illm. Sr. Dr. Valentim Magalhães.

Tambem me repugnou a philosophia cruel de quem perguntou—que trinta annos dariam aquelles treze annos?—

Ainda bem que V. S. responde por mim e por todos aquelles que estranhlaram tal interrogação.

Como José Castilho, tambem ont'ora fui explorado pela especulação de egoistas, sempre promptos a abusarem da pouca experiencia dos menores que lhes são confiados, ou que o acaso colloca debaixo do seu poder, e, se não procedi como elle, é porque, embalado desde o berço nas crencas d'uma religião sensata, despida dos preconceitos da ignorancia e dos prejuizos dasuperstição, tive forças para resistir, encarando a luta pela vida como um dever sagrado e a fraqueza do suicidio como uma aberração, uma falta imperdoavel.

As piedosas lagrymas que implorou ás suas leitoras d'*A Semana*—sobre a memoria do pequeno José, revelam os nobres sentimentos de V. S. e a idéa aventada na *Historia dos sete dias*—do inimitavel *José do Egypto*, achou echo no coração d'um seu constante leitor que mania incluso dez mil réis para principiar uma subscripção a favor dos infelizes orphãos, irmãos do pobre suicida.

Oxalá que eu encontre bastantes imitadores e mais generosos, nesta simples offerta que a vossa penna alcançou, e com que presto assim, mais uma vez, homenagem ao vosso illustre nome.

13 de Dezembro de 1885.—G. P. S. D.

Subscripção em favor dos irmãos de José Castilho:

G. P. S. D.	10\$000
A <i>Semana</i> .	10\$000

AOS CALOTEIROS

L'Italia, excellent jornal italiano, dirigi lo pelo Dr. Fogliani, no seu numero de 12 do corrente, diz aos seus assignantes relapsos algumas palavras duras mas bem merecidas, que nos tambem podemos repetir a alguns dos nossos, cujo numero, felizmente, é pequeno.

Transcrevemos algumas d'essas palavras para salutar exemplo dos povos:

«Falaremos claro agora, porque estamos resolvidos a por os pontos nos ii e a não mais cumular de attensões e de gentilezas uma gente que se mostra para connosco tão grosseiramente vilan, e tão pouco disposta a seguir o caminho da delicadeza e do dever.»

«Ninguem deve ser nosso assignante á força. Temos dado *L'Italia*—um jornal modesto e despretencioso, mas honesto e animado de boas intenções; temos feito tudo para agradar aos nossos leitores, e temos supportado com animo sereno os maiores sacrificios, sacrificios que ninguem pode imaginar. E qual foi a nossa retribuição

por parte de um grau lissimo numero dos nossos compatriotas das provincias? E' melhor calarmo-nos.»

«Aos nossos assignantes bons, que, reconhecendo os nossos esforços, e enchendo-nos generosamente de attentões, retribuiram a nossa boa vontade e as nossas patrioticas intenções, pedimos desculpa por nos vermos na necessidade dolorosa de dirigir palavras um pouco acerbas áquelles que, rindo-se de nos e do nosso honesto trabalho, não nos deram signal de vida, depois de terem recebido *L'Italia* durante um anno inteiro.»

«A paciencia tem limites e os nossos bons leitores não de comprehender que quando a paciencia espera um anno a transbordar, ninguem tem o direito de pretender mais.»

A VIDA ELEGANTE

CLUB DE REGATAS GUANABARENSE

Apesar de pouco concorrida, foi muito animada a *soirée* dada no sabbado passado pelo Club de Regatas.

O concerto annunciado nos programma foi sensivelmente alterado, por terem faltado a Exma. Sra. D. Adelaide Burlamaqui e o *basso* Sr. Rossi, que se haviam encarregado de varias partes.

Começou, pois, por um *Grande Trio em ré menor*, para piano, violino e violoncello, por Arthur Napoleão, Cernicchiaro e Cerrone. A execução foi brilhantissima, como era de esperar de tão distinctos artistas.

A 2ª parte foi um *Solo Violino* de Kurški, por Cernicchiaro.

Bravissimo. Em seguida o Sr. Ragusa tocou ao piano, muitissimo bem, 3 partes da op. 44 de Chopin, *Carillon*, *Barcarola* e *Polonaise*.

Terminou o concerto pela *Rhapsodie hongroise*, para violoncello, de Danclo, pelo Sr. Cerrone.

Depois do concerto começaram as danças, muito animadamente, e terminaram por um bello *cotillon*, dirigido habilmente pelos Drs. Julio Ottomi e Fernando Mendes. Findou a *soirée* ás 3 1/2 da manhã.

Foi uma festa simples, mas muito alegre e muito agradável.

Os nossos cumprimentos ao elegante Club de Regatas.

LORGNON.

NOCTURNO

Lá fora, a voz do vento ulula rouca!
Tu a cabeça no meu hombro inclina,
E essa bocca vermelha e pequenina
Approxima a sorrir de minha bocca;

Que eu a fronte repouse, anciosa e louca,
Em teu seio—mais alvo que a neblina
Que nas manhãs glaciaes, humida e fina,
Da serra as grimpas elevadas toca...

Solta as franças agora como um mano
De ouro: Embala-me o somno com teu canto...
E en, aos raios divinos d'esse olhar,

Possa dormir tranquillo, como o rio
Que, em noites calmas, socegado e frio
Dorme aos raios de prata do luar...

OLAVO BILAC.

OS NOSSOS LIVROS

O illustrado medico Dr. Lycurgo Santos publicou em livro, tendo-o refundido, o artigo com que, na *Provincia de S. Paulo*, commemorara o 4º anniversario da morte de Littré.

E' uma eloquente homenagem áquelle grande espirito, dos mais altos e radiantes que têm illuminado o mundo.

Para o positivismo, cujo Christo foi Augusto Comte, tendo tido Bacon por Precursor, Littré foi o Paulo, o apóstolo de genio, o independente, a evangelisar por sua propria conta.

Para todos os pensadores dignos do nome, Littré é, além de um homem veneravel, um sabio digno da mais pura admiração: representa o que o positivismo tem de verda leiramente grande—a sua philosophia, e representa o escolho das degenerações que tanto o prejudicam na obra de Comte—as conclusões politicas, que chegam a concordar com o conservatorismo de Guizot no governo dos mais capazes, e a parte religiosa, não no seu principio, bellissimo, do culto aos gran les homens, mas nas excentricidades cultuaes que fazem do *Cathecismo Positivista* uma obra de decadencia intellectual.

Profundos, ainda que humildes admiradores de Littré, mestre em todas as espheras que percorreu o seu genio prodigioso, acolhemos preciosamente o bello tributo que á sua memoria immorttal prestou o Dr. Lycurgo Santos, em um opusculo brilhante de erudição philosophica e litteraria.

L.

CORREIO LITTERARIO

«ACUCENAS», PRIMEIROS VERSOS, POR VALERIO DA SILVA.—VASSOURAS, 1885

Ruim, ruim sem nenhuma atenuação, este volume de versos.

Como outros collegas de imprensa que se têm pronunciado neste ou em casos semelhantes, tambem somos da voto que se desattenha á allegação de estréia e dos dezoito annos do poeta. Ninguem e nada o obrigava a estreiar com esta edicão, nem a começar em publico e em livro, pelos primeiros versos.

Aqui bem cabe o conselho do medico da anecloia: se a dificuldade estava, como costuma estar, nos primeiros versos, era começar pelos segundos, ou terceiros, ou centesimos, a ser poeta publico,—dado que alguma vez quizesse entrar nesse caminho perigoso.

Mas o Sr. Valerio foi apressado, e «o seu paranymphe no mundo litterario», o Sr. Dr. Lucindo Filho, não teve a misericórdia de o conter. Agora, ante a equalitaria letra retonda, temos de lhe dizer a verdade, sem attender a mais nada senão ao seu proprio livro.

Este é deploravel, como tudo: como idéa e como forma; como concepção artistica e como composição metrificada: perante o bom-senso e perante a grammatica.

A concepção é, na maioria dos casos, de uma infantilidade de trovador em faxa, quando não é completo disparate.

E é a isto que o seu padrinho litterario chama a naturalidade da juventilidade. Valha-nos Deus com estes padrinhos!

Não era só pelos nove annos do preceito horaciano, lembrado na introdução do livro, que o Sr. Valerio de-veria ter guardado o manuscrito das *Acucenas*; era para todo o sempre, *per omnia secula seculorum*,

Diz até o Sr. Dr. Lucindo que estes versos são correctos. Oh!...

Nem correctos perante a syntaxe. Exemplos:

Procurei *lhe ir beijar*, ou *le ella estava*.

E sempre aquelles fremitos de vila *Ondulam a selva o manto viridente*.

Chegando na choça do peito sahiu-lhe Mil gritos de dor!

Alli de noite e dia *ella resiste* Os furacões infrenes collossaes.

Desfallece-se á beira do caminho.

E *dize-me: conhece esta caveira?*

Nem perante a sciencia mais elementar, ou, melhor, perante o senso commum. Exemplo:

Eis a materia se tornando em—nada! Só por alta dose de catholicismo ingerido pôde um maucebo emittir tão crassa asneira.

Outros exemplos... de physiologia divertida:

O seu craneo *robusto* de donzella.

E depois de ranger dente por dente.

Outro, de meteorologia calumniosa:

As quexas dos *avaros* vendavaes.

Se as tristes *Acucenas* chegam a ter verdadeiros *specimens* do genero *Musa do Povo!*...

Como estes:

Seus olhos de verde-mar,
As negras pedras fietando,
Julgavam nellas achar

Alguma cousa.

Em tola a visinhança era geral
Que, n'um bosque sombrio e natural,
Havia uma casinha encantadora,
Que nella morou sempre uma senhora
Já velha, respeita-la e que no valle
Alegre passeiava com seu chale
De lá e borlas negras setinadas.

— Ah! foi senhorio!

Antonio raivoso, com gesto sombrio,
Tambem repetiu-lhe:

— Ah! foi senhorio!

Para exemplo da puerilidade, que é a feição predominante do livro, basta apontar toda a concepção do conto intituloado *Corina*.

So aquelles versos do final!...

Mas então reconhece ella o perigo,
Era um homem malvado, que comisigo
Já trazia um punhal de folha fina,
Talvez para matar pobre Corina!

Se não fosse parecer que nos deleitamos na censura facil a um timido principiante, analysariamos uma peça inteira do livrinho, *Love fit*, por exemplo, que, com todo o seu titulo inglez, tem bem boas tolices; mas podia parecer maldade: não vamos além do que fica dicto, e dicto com pezar, e terminamos ponderando ao Sr. Valerio que versos d'estes não se publicam, e ao Sr. Dr. Lucindo—que não é de bom amigo deixal-os publicar.

Valença, 14 de Dezembro.

LUCIO DE MENDONÇA.

AS GRANDES VERDADES

Abrimos hoje esta secção.

E' destinada a registrar, como claramente o diz o seu titulo, opiniões, pensamentos, sentenças de escriptores, nos quaes se encerrem as grandes verdades, de cujo conhecimento geral e rigorosa pratica grande proveito viria para o homem e para a sociedade.

Ha muito a ganhar com o estudo e a meditação das « grandes verdades. »

Muitas d'ellas não serão novas (*quid sub sole novum?*): mas justamente as verdades unais antigas são as menos sabidas.

D'ahi o não ser ocioso, antes conveniente, repetil-as.

As seguintes, devidas á penna do eminente escriptor politico Jules Brisson são do numero das taes que não são novas mas que devem ser repetidas.

Tratando da recente abertura do Parlamento francez, diz o citado escriptor:

« No interior da sala das sessões era grande a agitação.

Cada deputado, entrando, procurava reconhecer a sua respectiva cadeira. O Sr. Rochefort, agitado, inquieto, ruído como sempre, atravessou o hemicyclo com rapido passo, e foi sentar-se no ultimo lugar do derradeiro banco da extrema esquerda. O Sr. Julio Ferry escolheu o seu lugar no centro, em face da tribuna. Quando o atravessava a sala, poucas mãos se lhe estenderam; elle mostrava philosophicamente tirar o seu partido d'esse momentaneo abandono.

Sem duvida elle se estava lembrando margamente do seu passado, pensando na época em que, naquella mesma recinto, bastava-lhe fazer um aceno para ver curvar-se-lhe uma maioria fiel. E durára dois annos essa fidelidade! Esta recordação parecia tornar-lhe ainda mais sensível a sua impopularidade actual.

Mas o Sr. Julio Ferry, que é um dos raros homens de Estado da terceira republica, não é homem que se deixe subjugar por essa impopularidade.

O Sr. Ferry bem sabe que ella tambem ferio Thiers nos ultimos annos de sua vida, apesar dos magnificos serviços por elle prestados á França durante os seus tres annos de presidencia. O proprio Gambetta que era tão popular no paiz e cuja popularidade cresceu ainda depois de sua morte, vio-se tambem abandonar-lo por seus amigos. Quando a morte veio extinguir a sua voz eloquente, já elle tinha perdido grande parte de sua influencia.

Julio Simon, que por seu alto saber e seu alto valor, devia occupar um dos primeiros cargos publicos, está posto á margem, como os seus predecessores; ao passo que tantas nullidades se repiampam nos ministerios.

O Sr. Julio Ferry está em boa companhia; elle saberá esperar com paciencia a hora da sua recatada em scena.

Entretanto, o que hoje se passa está de accordo com as tradições da democracia.

O suffragio universal é naturalmente inconstante: o povo apenas supporta e com impaciencia os homens superiores e prefere sempre aquelles que o fisongeiam aos que o servem. Já isso era assim no tempo de Aristides e de Catão. Sob a primeira republica vio-se, cada um por seu turno, Verguiau substituído por Danton, a Danton succeder Robespierre e o proprio Robespierre immolado pelo povo, cujo idolo fora. Nem mesmo Mirabeau, que havia sido a voz eloquente da revolução, escapou á lei commum; sua memoria conheceu o esgoto depois da apothecose.

O mesmo com Lamartine em 1848. Eleito deputado, por vinte departamentos, não conseguiu a reeleição no anno seguinte. Nem sequer conseguiu uma cadeira de representante dos seus concidaãos no departamento de Saone et Loire, do qual havia sido durante trinta annos a gloria e o orgulho.

Não nos devemos portanto surprehenler de hoje ver tantas meliocridades na primeira fila e tantos homens superiores deixo los na sombra.

Está ainda por fazer a educação da democracia.»

J. BRISSON.

INTIMA

Tu sabes porque sou triste
Quando te vejo, mulher?
E' que eu sei que não existe
Aquillo que a gente quer.

O céu com que nós sonhamos,
Cheio de anjinhos, e sões,
Se junto d'elle chegamos
Mais elle foge de nós!

Como são máus os pezares!
Como é doce o teu sorriso!
Rebentam dos teus olhares
Auroras, de que eu preciso!

Esta batalha da vida
E' tão negra e complicada,
Que a nossa razão ferida
Cabe muitas vezes no Nada!

A esperanca é a borboleta
Que anda em nossa alma a voar
D'azas tremulas, inquieta
Como as espinhas no mar!

O grande amor que me deste,
Que mora em meu coração,
Olha! tolo elle se veste
De azul, a cor da illusão!

E azul é o céu... entretanto,
Quantas vezes as procellas
Não o enlutam com seu manto,
Cegando o olhar das estrellas?;

Não penses que o amor suavisa
Tolo o mal, tolas as maguas;
Ha muita flor que deslisa
Por sobre o abysmo das aguas!

O amor, se em minh'alma entro,
Sinto-o como um arrebol!
Não ha sol que cá por dentro
Brilhe mais do que este sol!

Fora d'ahi, sobre a terra!
Que val o amor?—Tu sorris?
Ah, teu ouvi-lo se cerra
A's cousas que o mundo diz!

Se viesse o mel das venturas
Do amor que em nós tem raizes,
Foramos duas creaturas
Felizes, muito felizes!

Foramos dois passarinhos,
Plumas de neve rufando,
Viven lo uos mesmos ninhos,
Nos mesmos ramos pousando!

Mas não! De magnas assones
Se eu tiver de ti no pé,
E' porque sero que somos,
E sei a vida o que é!

Não te entristeças so ás vezes
Me vires mudo e tristonho;
Eu ando sobre os revezes,
E tu na nuvem de um sonho!
Dezembro de 1885.

ALFREDO DE SOUZA.

SPORT

No ultimo domingo houve no Prado, Villa Izabel uma enchente completa e o programma das corridas teve o melhor dos resultados pois foi muito applaudido pelo publico, não havendo reclamações nem perturbações da boa ordem.

No 1.º pareo, 1450 metros apresentaram-se na raia *Regalia*, *Boyardo* e *Bitter* sendo esta a ordem da chegada e 97º o tempo de corrida. *Boyardo* se perdeu por cabeça e por ter si lo mal corrido. Já vêem que o nosso palpito era de entende lor.

No 2.º pareo se se apresentou *Linda* que levantou metade do premio. E ligam que não ha felicidade! Oh si ha. Quando foi que esse pobre bicho pensou em suspender 2008 e assim pelo certa?

No 3.º pareo ganhou *Druid* em 94 segundos os 145 metros, tendo apenas por competidor *Mactirim*. Foi o nosso palpito.

No 4.º pareo *Talisman* em 130 segundos bateu facilmente *Fanfaron* em 180 metros e o ratei do poule so deu de lucro 2000 rs. O jockey de *Fanfaron* não é mau, é honesto e habil; mas pesa como um abale e só por excepção um parafheiro consegue trazelo ao vencedor.

No 5.º pareo ainda demos no vinte. Em 106 segundos *Druid* bateu em 1000 metros *Bayaco* e *Regalia*. Quando demos esse palpito muitos riam-se e alguns accetaram. Estes ultimos comeram apenas 978 e tanto por poule. E viva a secção *Sport* d'A Semana!

No 6.º pareo *Saphira* sahino um pouco atrazada, esforçou-se no principio e perdeu as forças para o fim, dando em 1000 metros a victoria ao *Veva* que foi montado por Firmino. O tempo da corrida foi de 67 segundos.

No ultimo pareo *Eucharis*, apesar de 65 kilos e não correnlo *Savana*, ganhou em 104 segundos os 1450 segundos.

A's 5 1/2 da tarde estavam terminadas as corridas.

Vejam os leitores primeiramente na nossa ultima pagina, o excellente programma do *Derby-Club*, e depois de muito estudal-o dignem-se de attendermos.

No 1.º pareo poderá haver duvida de que *Savana* com 55 Kilos e em 1450 metros ganhe facilmente?

No 2.º pareo, apesar dos 64 kilos, ainda o valente *Aymoré* deve brilhar.

No 3.º pareo..... não se riam..... *Druid* torua a ganhar, confirmando lo que é melhor meio sangue que *Bayaco* e que *Regalia*.

No 4.º pareo nada podem fazer nem *The aquella*, nem *Malatromba*. *Comtesse* deve ganhar nada de tolices.

No 5.º pareo..... quevem rit-se outra vez?..... pois riam-se, mas a *Carmen* vai mostrar que custou 10008.

No 6.º pareo, seu lo o tiro 1000 metros *Sylvia II* deve ganhar esbarra la. Como,

porém, correm *Sylria, Talisman e Boreas*. o melhor é consultarem uma *soumbambula*.

No 7.º pareo inclinamo-nos por *Neva* apesar de que *The witch* pode tornar a esticar-se.

Fazemos votos para que o *Derby-Club* tenha uma festa esplendida sem as scenas desagradaveis da ultima corrida.

L. M. BASTOS.

COFRE DAS GRAÇAS

Um delegado da Instrucção Publica visita' uma escola publica de Macacos. Pergunta qual a grammatica adoptada nella. Respondem-lhe que a de Coruja.

—Perfeitamente; exclamma o delegado: para escola de Macacos só grammatica de Coruja.

Em um exame de francez um dos examinandos, tendo de passar para a lingua de Corneille esta phrase: «Devem-se respeitar todos as pessoas, sobretudo as mulheres», fel-o por esta forma:

«On doit respecter tout le monde, *re-dingote aux femmes.*»

Moralidade do caso:—Esse alumno foi approvedo.

Nos ensaios de musica da *Mulher-Homem* um dos coristas, achando muito difficil um côro que ensaiava, exclamou:

— Irra! é um côro cabelludo!

THEATROS

A *Gazeta de Noticias* deu ante-hontem a seguinte noticia:

«Vão muito adianta los os ensaios preparativos da *Mulher-Homem*, a revista que para o Sant'Anna escreveram Valentim Magalhães e Filinto de Almeida. Dos scenarios, promptos na maior parte, dizem-nos maravilhas, com especialidade do do prologo, que representa certo reino phantastico, e do do ultimo acto—a apothose final, pintados por Carrancini; e do da apothose a V. Hugo, devido ao pincel de Coliva.

Quanto à musica, é quasi toda original, especialmente escripta por Cavalier, Mesquita, D. Francisca Gonzaga, Miguel Cardoso e Henrique de Magalhães.

Um bisbillhoteiro, que conseguiu ouvir os ensaios, recommendou nos o corô de abertura, um bellissimo corô composto por Cavalier no genero dos de Gounod, umas certas côplas de Mesquita, o jongo dos negros sexagenarios, o tango cantado pela *Mulher-Homem* e o cateretê dos hortaliçeiros, compostos por Henrique de Magalhães, que ás vezes despele-se de Apollo para entreter-se com Euterpe.

As vestimentas dos jornaes foram imaginadas e desenhadas por Ville Rose Méryss. Consta-nos que a da *Vanguarda* é originalissima.

Ultima informaçao:—tudo está sendo preparado a capricho, com grande luxo e primor; cousas estas, a que—aliás—de ha muito o Heller nos acostumou.»

Estamos auctorisados a confirmar inteiramente essas informações, callando, por enquanto, outras de ainda maior sensaçao. Dentro de mui pouco tempo, logo que amanheça o 1886 teremos em scena a *Mulher-Homem*.

Desde já chamamos a attenção do publico e lhe pedimos toda a sua protecção para o spectaculo que, em bene-

ficio do sympathico e intelligente actor Mauro de Bellido, se ha de realisar no dia 23 do corrente. Mauro está ha seis mezes gravemente enfermo, ferido de fatal paralysis, que o inutilisou completamente para o trabalho.

Emquanto teve saude e forças não conhecemos outro mais trabalhador do que elle.

E' mais do que um favor protegelo na desgraça: é um verdadeiro dever.

O beneficio da talentosa actriz Helena Cavalier terá logar no dia 23 do corrente com a primeira representaçao do grande drama *O domador de feras*.

Prophetisamos-lhe nunca vista enchente.

O Sr. Souza Bastos annuncia para muito breve a estrêa da sua companhia de operetas, no *Principe Imperial*, com a primeira da opera comica em 3 actos, *O cavalheiro Mignon*, musica de Weuzel.

O empresario Monte Ionio, para com quem tem sido o publico tão ingrato, fará representar proxivamente no Polytheama o drama de grande spectaculo: *Guerra da Italia*. Marchas, cavallos, soldadesca, tiros, sangue, scenas violentas e dramaticas, tudo se encontra nesta peça, destinada a grande successo.

P. THALMA.

PARNAZO ALEGRE

METAMORPHOSES

I

*Um sujeito, num burro, um dia, em tarde amena,
Desia funda gruta, em matta escura, quando
Saltinbaucos venaes cercaram-n'o, e, sem pena,
Roubaram-lhe a alimaria em que ia viajando.*

*Perdeu-se, e d'Aymorés foi preso por um bando,
Cresceu-lhe a barba e o cisco embastio-lhe a melena;
Acostumou-se à atroz selvageria, e em plena
Floresta virgem foi-se irracionalisando.*

*Hervagens mastigava e, já com ar de idiota,
Mirrava emmaranhado em mivediças mattas;
Emquanto,—oh! do Destino irrisoria chacota!*

*Coberto de europeis e borlas e turbantes,
Valsava o burro em meio a um circo de acrobatas,
Aos truancos sons de guisos tititantes.*

II

*Se o homem fosse posto em frente ao burro um dia,
Se um dia o burro em frente ao homem posto fosse,
Nem o senhor o burro então conheceria
Nem o burro o senhor; tudo nelles mudou-se.*

*Emquanto o asno perdia o habito do couce,
O individuo da falla o habito perdia;
O homem decahio, o ente bruto illustrou-se;
E, enquanto o racional de insectos se nutria,*

*Do troião, posto à mesa, os dentes trituravam,
Em logar de capim, sabornas frituras,
Do jumento, na Côte, as orelhas minguavam;*

*Na selva, da creatura esticava-se o abdomen.
O bruto em meio à gente e o home'entre as verduras:
O homem fez-se bruto, e o bruto... se fez homem!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

COLLABORAÇÃO

A NOSSA MÃE

(UM ANNO DEPOIS DE SEU FALLECIMENTO)

Nós tínhamos um anjo carinhoso
Que abria as azas e nos dava abrigo
No oceano da existencia tormentoso,
E salvos n'as levava a porto amigo.

Um anjo tutelar que transformava
Com lagrimas d'amor, com um sorriso,
Com o suave conforto que nos dava
As agruras da vida em paraíso.

E que com suas mãos todas candura
De bençãos mil celestes nos cobria,
E da mais sã virtude a norma pura
Em nossa alma, solícito, inscrevia.

E em cujo seio, sem igual no amor,
Só floria e só fructeava qu'into
Ha no mundo mais bello e encantador,
Mais nobre e caro e bom e augusto e santo!

E essa fonte riquissima do bem,
Essa aurora de luz que não se exp'ine...
Tudo perdemos em perler-te, ó Mãe,
O' prodigio d'amor, ó ser sublime!

J. P.

FACTOS E NOTICIAS

Lê-se no *Timburibá*, de Rezende:

A' feição da *Semana* vai apparecer em Santos um novo periodico em cuja re-lacção figurará a penna rutilante do erudito philologo Julio Ribeiro.

Agradecendo a lisongeira idéa de nos tomar por modelo, desejamos o breve apparecimento d'esse nosso futuro collega.

FESTAS ESCOLARES

Esteve acima de todo elogio a *matinée* musical da respeitavel e provecita professora, a Exma. Sra. D. Amelia Anais da Silva Costa. Teve logar a *matinée*, em que tomaram a maior parte as alumnas da distincta professora, no collegio Menezes Vieira. O programma que era magnifico foi irreprehensivelmente executado.

Outra festa escolar bellissima foi a do «Collegio Progresso», de que é directora a distinctissima professora D. Eleonor Leslie, uma senhora notavel pelo seu talento educativo como pela sua illustração e pela captivante gentileza do seu tracto. Realisou-se a festa no salão do «Imperial Conservatorio de Musica», no dia 11 do corrente com immensa concorrência.

Felicitemos a grande educadora pelos brilhantes resultados que do seu collegio apresentou.

Tem estado enfermo o nosso collega d'O domingo, Sr. Jorge Rodrigues. Desejamos-lhe prompto e completo restabelecimento.

No dia 3 de Janeiro proximo futuro apparecerá em Barbacena o primeiro numero do «Correio de Barbacena».

E' seu relactor o Sr. Frederico Salgado, um estimavel cavalheiro, a quem agradecemos a fineza da visita com que nos distinguio.

Está n'esta corte Soares de Souza Junior, distincto collaborador d'esta folha.

Lembram-se os leitores que nós também, ha pouco tempo, clamámos d'este mesmo logar a favor do pobre Clemente Ferrari a quem ha cinco annos desaparecerá um filho.

Pois, devido aos ingentes esforços do nosso collega Fogliani, eficazmente auxiliado pelo Sr. Bernardino de Rezende, inspector de quartirão em Riachuelo, a criança já foi entregue ao pae.

Parabens ao pae e nosso collega da Italia.

TRATOS Á BOLA

D'esta vez fui muito infeliz. Sabeis qual foi a causa das minhas tristezas?

O haver recebido poucas cartas de tratistas, (tratantes!) e, o que é peor, nenhuma decifração exacta. Ingratilhões!...

Nem a Sra. D. Josephina B. quiz vir d'esta feita consolar-me, na minha clausura, com as suas conceituosas phrases! Que abismo que é o coração humano... Cruzes, tres vezes!!!...

Os decifradores que um pouco mais acertadamente andaram foram os senhores *Odivo e Pépe* (destemi-los campeões!) que só não conseguiram pôr em trocos meudos o *anagramma geographico*.

A' vista de semelhante fiasqueira não tenho remedio senão decifrar eu mesmo a *tratantada* do numero passado.

Eis as decifrações:

Da Actual:—mão;

Da Antiga:—Gallo-crista;

Da Decapitada:—Marcolina;

Da Tiburciãna:—Sobretudo;

Do Anagramma:—Penha, Lageado, Guararema, Jacarehy, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Cachoeira.

Agora façam por decifrar tudo isto que eu, com prodiga e benta mão, vou derramar por esta columna aba xo:

MICROSCOPICA

—Ti—a—

5

Significa parentesco;
Vae por deante: segui-a.

ACTUAL

Sou visto no...—1; sou letra,—2—
não me emporcalho,— sendo azul.—
Tenho 3 letras e 1 syllaba:—aclaro.

BISADA

3— E' coisa que prende:

—vé—

2—Navegue nella você.

ANTIGA

Não sou boa—1—

Sou accento—1—

Sou preposição—1—

Conceito

Nome proprio de mulher.

MYOSOTIS.

LOGOGRAPHO

Corro sempre para o mar, 1, 2, 5, 5, 4.
E utencilio serei—3, 2, 1, 6.
Dizendo que sou jornal,
Faço ponto, acubarei.

O SATANAZ

Ao 1.º e 2.º decifradores os mesmos premios promettidos.
E até sabbado.

FREI ANTONIO.

CONSULTAS

Illm. Sr. Manoel José d'Assumpção Souza (Magé). Eis a resposta á sua consulta de 6 do corrente:

«Se o titulo for accionado no foro contencioso, é o credor habil para requerer preferencia antes da adjudicação. O advogado, S. Nabuco.»

RECEBEMOS

— *Revue Politique et Littéraire*, 2º semestre, n. 21.

— *L'Avenir du Brésil*, a nova e seccia collega franceza publicada no Rio; 1º anno, n. 3.

— *Corymbo*, a interessante revista da poetisa a Sra. D. Revocata de Mello. Anno I n. 66. Traz grande quantidade de versos e bons trechos em prosa.

— *O Gaturamo*, de Sapucaia; ns. 5 e 6. D'esta vez o mimos: passaro traz a rica plumagem pintada de azul e verde. São gostos.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculo n. 42.

— *O Cherubim*, periodico dedicado ao bello sexo, n. 14.

— *A Zugui*, jornal litterario; publica-se mensalmente. N. 3. Traz algumas pilherias que não nos parecem más e versalhada a dar com um páu. Longos e dilatados annos.

— *O Domingo*, o excellente semanario de S. João d'El-Rei. N. 13.

— *Analyse do projecto do Açude do Quizandá*, feita pelo ex-primeiro engenheiro hydraulico da commissão, Antonio Joaquim da Costa Couto.

— *Revista de Guimarães*; publicação da Sociedade Maritins Sarmiento. Volume II. N. 1.

— Uma interessante folhinha de desfoliar, graciosamente offertada pelos Srs. Carlos Gonçalves & Guimarães.

— Uma outra bellissima folhinha da casa do Cunha.

— De Moçambique o n. 1 da *Revista Africana*, publicação mensal, de que é director J. P. da Silva Campos Oliveira.

— Do Sr. Lyrio Ferdinando,—um modesto escriptor, que tem já publicado varios livros uteis—*a Lyra das Crianças*; collecção de lindas e pequenas poesias proprias para serem recitadas pelas crianças de ambos os sexos. A poesia intitulada *A vida da innocencia* foi por engano publicada com a assignatura *V. de Magalhães*, em vez de *D. de Magalhães* (Visconde de Araújo). O exemplar que nos foi offerecido é luxuosamente encadernado, todo cheio de luxos e duraduras. *Merci*.

— *A Estação*, de 15 do corrente. Magnifica. E' seu costume.

CORREIO

—Sr. Modesto de Paiva. Para attendermos mais depressa ao seu pedido, mande-nos nova copia dos versos.

—Sr. Lauro de Solis. Engraçados os seus versos. Serão publicados muito brevemente.

—Sr. M. Fleius. Agradecemos e aceitamos o seu offerecimento. Não podemos, porém, publicar *A pitada*, por ser escripta em um tom demasiado livre. Será bom escolher tambem alguns trechos em prosa, dos que, no seu tempo, mais tenham agradado.

—Sr. Alius.—O senhor em todos os dias de sua vida, nunca foi Alius nem cousa que com isto se assemelhe; o meu bom amigo o mais que pôde ser é um alho. Diz que é estrangeiro... Ora não sabia eu outra cousa! Estou bem certo que, se não veio de Mata-cães, veio com certeza da Hottentotia; pois cuido que, somente nesse paiz poderá ser usada a grammatica que o senhor manuseia e a metrificacão e fórma que dá ás suas produções poeticas.

Meu senhor, quem não se acha convenientemente preparado para ir ao Parnaso,—monte, a cujo cimo poucos sobem com galhardia,—quem não pôde lá ir, vae... a outra parte.

Tenha paciencia! mas ainda d'esta vez... não pegam os bichos, quero dizer, as bichas. Olhe: quer um conselho? Don-lho de graça: dê uma vista d'olhos á *Carta de nomes* e depois que souber ler por cima o: *Antão, Anna, audei, amar*, appareca.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças. Rua Primeiro de Março, 27 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recalcos nesta folha.

O advogado Dr. Valentin Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pole ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARAO DE ITAPAJIBE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio e quem os solicitar á directoria.

O COLLEGIO PUJOL

NA

ESTAÇÃO DOS MENDES

E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1885, entrando no 17º anno de sua existencia.

Curso completo de preparatorios e especial de noções de sciencias physicas e naturaes.

Nota — Não admitte alumnos maiores de 15 annos.

Os estatutos encontram-se na livraria Faro & Lino e no escriptorio desta folha.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA OITAVA CORRIDA, A REALIZAR-SE

DOMINGO, 20 DE DEZEMBRO DE 1885

ÀS 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO EXCELSIOR

Primeiro pareo — E. de F. D. PEDRO II—Handicap — 1.450 metros—Animas de qualquer paiz de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	<i>Eucharis</i>	Tordilho.....	5 annos	Paraná.....	65 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes
2	<i>Savina</i>	Castanho....	4 »	R. Gr. do Sul.	55 »	Branco e verde.....	C.
3	<i>Sultão</i>	Libano.....	3 »	Minas Geraes	40 »	Grénat e azul.....	M. F. Vaz.
4	<i>Gaucho</i>	Chita.....	2 »	R. Gr. do Sul.	41 »	Grénat e facha preta.....	Firmino Gonçalves.
5	<i>Arenas</i>	Doura lillo...	5 »	Rio de Prati.	50 »	Branco, encarnado e facha.	J. P.
6	<i>Verbena</i>	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	52 »	Ouro e facha.....	Freitas Guimarães.
7	<i>Crichani</i>	Caita.....	6 »	Paraná.....	55 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	<i>Conde</i>	Castanho....	6 »	Idem.....	53 »	Vermelho e azul.....	A. M.
9	<i>Bisão</i>	Zaino.....	5 »	Rio de Prata.	40 »	Vermelho e amarello.....	Coudelaria Campista.
10	<i>Sirodio</i>	Castanho....	5 »	R. Gr. do Sul.	53 »	Ouro e encarnado.....	J.
11	<i>Zaire</i>	Gatello.....	4 »	Paraná.....	40 »	Rosa e ouro.....	P. S.
12	<i>Didi</i>	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	40 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.

Segundo pareo—SEIS DE MAIO—1.200 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 100\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	<i>Boyardo</i>	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	56 kilos	Branco e estrellas azues...	M. P.
2	<i>Alteza</i>	Libano.....	5 »	Idem.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	<i>Mandarim</i>	Rosillo.....	3 »	Idem.....	51 »	Grénat e azul.....	Cunha Lima.
4	<i>Aymoré</i>	Castanho....	5 »	Idem.....	64 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Doura</i>	Alazão.....	6 »	P. de Janeiro.	56 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
6	<i>Aurora</i>	Alazão tost...	3 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho e preto.....	Coudelaria Ypiranga.
7	<i>Aranha</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	53 »	Vermelho.....	Idem.

Terceiro pareo—PROGRESSO—1.750 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	<i>Druid</i>	Tordilho.....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Encarnado e ouro.....	P. M. de Magalhães.
2	<i>Regalia</i>	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	58 »	Encarnado, ouro e facha...	Idem idem.
3	<i>Baioco</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	<i>Africa</i>	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
5	<i>Guanaco</i>	Alazão tost...	9 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coud. R. Grandense.

Quarto pareo—COSMOS—1.609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	<i>Contesse d'Olonne</i> ...	Alazão.....	4 annos	França.....	52 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	<i>Malstron</i>	Castanho....	2 »	Inglaterra...	45 »	Cinzeno e grénat.....	P. J.
3	<i>The Witch</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Encarnado e branco.....	R. V.

Quinto pareo—GRANDE EXCELSIOR—2000 metros—Potros e potranças nacionaes até 3 annos—Premios: 2.500\$ ao primeiro e 500\$ ao segundo

1	<i>Nicoafy</i>	Zaino.....	3 annos	Paraná.....	49 kilos	Encarnado e ouro.....	M. P.
2	<i>Sybilla</i>	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Dora</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e facha.....	Freitas Guimarães.
4	<i>Carmen</i>	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e estrellas cor de ouro	E. M.

Sexto pareo—DERBY-CLUB—1.609 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 160\$ ao segundo

1	<i>Jaguary</i>	Castanho....	5 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	<i>Sylvia II</i>	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	<i>Talisman</i>	Alazão.....	6 »	Idem.....	54 »	Idem, idem, idem.....	Coudelaria Cruzeiro.
4	<i>Boreas</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	<i>Coralia</i>	Castanho....	4 »	Idem.....	50 »	Vermelho.....	D. P.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1.000 metros—Potros e potranças estrangeiros até 3 annos—quê não tenham ganho no Derby—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	<i>Fanfarron</i>	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	<i>Gaudriole</i>	Castanho....	2 »	Idem.....	46 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	<i>Charybdes</i>	Idem.....	2 »	Inglaterra...	46 »	Idem.....	Idem.
4	<i>The Witch</i>	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Encarnado e branco.....	R. V.
5	<i>Nera</i>	Castanho....	2 »	França.....	47 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia

NCTA --Pede-se aos Srs. proprietarios de animas inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no ensilhamento ás 11 horas da manhan, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.